

José Anastácio da Cunha - um matemático português do período barroco

Maria José Costa

«Não posso deixar Valença sem falar de um dos génios mais extraordinários que jamais se ouviu. É um moço de quase vinte e quatro anos, português e tenente de artilharia naquela praça. É de uma família pobre e sem alguma colocação; veio a ser, por força do seu engenho e grande aplicação, um prodígio deste século.»

Natural de Lisboa onde faleceu a 1 de Janeiro de 1787, passou alguns anos da sua vida em Valença do Minho e outros em Coimbra: aqui como Lente e ali como militar; foi protegido do Marquês de Pombal no reinado de D. José e de Pina Manique, o Intendente Geral da Polícia, no reinado de D. Maria. Entre estas duas protecções, esteve à mercê da Santa Inquisição; em Portugal, e neste século, foi descoberto, primeiro pelos homens das letras e só depois pelos das ciências. Camilo Castelo Branco dedicou-lhe algumas das suas *Noites de insomnia oferecidas a quem não pôde dormir*, Aquilino Ribeiro, romaneando a sua vida, escreve *Anastácio da Cunha, o lente penitenciado*.

Como conseguiu J. A. da Cunha esta distribuição da sua vida?

A vida

Nascido a 11 de Maio de 1744, dum casal modesto, vê-se órfão de pai, «pintor de profissão», aos dezasseis anos após o que ingressa na *Casa das Necessidades da Congregação do Oratório de Lisboa*; aqui aprende Gramática, Filosofia e Retórica com os padres oratorianos e Matemática e Física por sua própria iniciativa. Em 1762 assenta praça no Regimento de Artilharia do Porto, recentemente criado; e, pouco tempo depois, é nomeado, como primeiro-tenente para a Companhia dos Bombeiros daquele regimento. É neste posto que, mais tarde, vai, em destacamento, para a praça de Almeida, e desta para a de Valença - uma das praças incluídas no plano de reforma militar que o conde de Lippe, marechal dos exércitos de Portugal, tinha iniciado e para a qual contava com oficiais estrangeiros.

A permanência de J. A. da Cunha em Valença na qualidade de oficial permite-lhe a convivência com esses oficiais estrangeiros e, conseqüentemente, com a sua cultura e as suas ideias; vive integrado num ambiente de livre-pensamento e livre-comportamento; lê Voltaire, traduz obras do britânico Pope e do grego Anacreonte, revela-se apreciador de Shakespeare que frequentemente escolhe para declamar; vive “amancebado” com uma minhota chamada Margarida com quem aprende o alfabeto maçónico e a quem dedica algumas das suas composições poéticas (não é, contudo, em Valença que se inicia na poesia, pois data de 1760 a primeira produção poética de J. A. da Cunha: intitula-se *Ode* e foi escrita aquando da morte de seu pai).

Bem cedo J. A. da Cunha se destaca na estratégia militar e o seu talento não passa despercebido aos chefes militares, em particular a James Ferrier, governador da praça de Valença e ao próprio Conde de Lippe: produz, por sua iniciativa ou a convite, obras referentes às artes da guerra, como, por exemplo, a *Carta Físico-Matemática sobre a teoria da pólvora em geral e a determinação do melhor comprimento das peças em particular* e *Ensaio sobre as minas* (obra que viria a ser publicada a título póstumo, em 1838, por iniciativa dos capitães Vitorino Damásio e Diogo Kopke). Mas, se a primeira destas obras lhe valeu uma detenção, aplicada pelo conde de Lippe (não por inadequada, mas por revelar consultas a obras que o conde de Lippe proibira que se lessem), no todo, a actuação de J. A. da Cunha na praça de Valença valeu-lhe uma promoção e uma recomendação a Sebastião José de Carvalho e Melo, na altura conde de Oeiras, ambas da autoria do próprio

conde de Lippe, e justificadas pelos conhecimentos demonstrados, não só de Balística mas também de Física e sobretudo de Geometria.

É esta recomendação que vai levar Sebastião José de Carvalho e Melo, já Marquês de Pombal, a nomear lente J. A. da Cunha, precisamente o primeiro lente de Geometria da Universidade de Coimbra: tem o nomeado 29 anos de idade e este acontecimento ocorre no segundo ano de funcionamento da Faculdade de Matemática, criada aquando da chamada reforma pombalina daquela Universidade.

Em Coimbra e nas funções para que foi nomeado se mantém durante quatro anos, nem sempre apreciado pelos seus pares: é que J. A. da Cunha usa frequentemente o uniforme militar, em vez das vestes académicas, não se limita a ler a sebeta nas aulas, aproveitando esse tempo para chamar a atenção para as partes mais delicadas do assunto em estudo, seja pela sua dificuldade, seja pela sua importância, e ainda pretende - aliás como preconizam os estatutos recentemente elaborados - escrever os textos que servirão de apoio às suas aulas em vez de usar ou fazer traduções doutros existentes.

Com a morte do rei D. José, a vida de J. A. da Cunha sofre alterações profundas, devidas por um lado à demissão do Marquês de Pombal do cargo de Ministro, por outro ao começo da repressão inquisitorial contra o Regimento de Valença. J. A. da Cunha é avisado (por Margarida, que lhe escreve usando o alfabeto maçónico) que vai ser preso e, apesar de convidado a partir para Inglaterra por James Ferrier, J. A. da Cunha resolve ficar. Após várias denúncias feitas por presos que tinham pertencido ao regimento de Valença, e que envolviam o nome de J. A. da Cunha, é sobre este efectuado um inquérito, pretendendo confirmar as acusações feitas ou acrescentar outras.

É de 20 de Junho de 1778 e emitida

pelo Conselho Geral do Santo Offício a ordem de prisão de J. A. da Cunha sendo preso nos cárceres da Inquisição de Coimbra, no dia 1 de Julho do mesmo ano: ser libertino, conviver com herejes, manter uma manceba, discutir pontos da religião, comer carne em dias proibidos, ler livros proibidos, embebedar-se, são algumas das principais acusações que sobre ele caem. Em Novembro deste mesmo ano, é nomeado um substituto para a cadeira de Geometria (Manuel Joaquim Coelho da Costa Maia), mas só em Outubro de 1783 é a cátedra de novo ocupada (por Vitúrio Lopes Rocha).

O processo inquisitorial de J. A. da Cunha é organizado primeiramente em Coimbra e, em Setembro, é-lhe lido o libelo acusatório após o que é transferido para a Inquisição de Lisboa. No mês seguinte, as penas propostas pela Inquisição de Coimbra são confirmadas pela Mesa do Conselho Geral do Santo Offício: incluem um período de 3 anos de reclusão na Congregação do Oratório de Lisboa e outro de 4 anos de degredo para Évora.

Mas, expirado o período de reclusão na Congregação, já se encontra criada e inaugurada a Casa Pia de Lisboa e, em Janeiro de 1781, é-lhe concedido, pelo Santo Offício e a pedido de J. A. da Cunha, o perdão dos quatro anos de degredo em Évora; no mesmo mês, é nomeado para regente de estudos e substituto do curso de Matemática do colégio de S. Lucas (a funcionar na dita Casa Pia). Nesta situação viveria até 1785 pois neste ano foi suprimido o cargo docente ocupado por J. A. da Cunha na Casa Pia; com essa medida deu-se também a sua saída desta instituição. Para isso contribuiu a chamada "Questão entre J. A. da Cunha e Monteiro da Rocha" como na época ficou conhecida a discordância de opiniões sobre a decisão de um concurso matemático lançado pela Academia Real das Ciências: a dissertação premiada, elogiada por Monteiro da Rocha, um dos Lentes fundadores da

Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, terá merecido comentários bastante discordantes por parte de J. A. da Cunha. Da correspondência trocada sobre esta questão, ressaltam, por parte de Monteiro da Rocha, aspectos coincidentes com o processo inquisitorial de J. A. da Cunha, enquanto da parte deste sobressai a responsabilização de escolas de Matemática, com tais mestres, na condenação de uma nação à perpétua ignorância.

Foi durante os escassos quatro anos que J. A. da Cunha se manteve na Casa Pia de Lisboa que completou a sua obra de maior importância na Matemática: *Princípios Matemáticos*. Iniciada, ainda em Valença ou já na sua situação de lente (o "Compêndio de Elementos práticos de Geometria", apresentado à Congregação da Faculdade de Matemática da Universidade de Coimbra, em 1776, e que ficou para ser apreciado pelos outros professores sem que tivesse tido qualquer seguimento, terá sido a primeira versão desta obra), começou a ser impressa em 1782, saindo em cadernos utilizados para a instrução no referido Colégio de S. Lucas. Na véspera da sua morte ainda reviu as últimas provas dessa obra mas a sua edição só em 1790 foi concluída.

No fim da vida J. A. da Cunha era já um homem desiludido e atormentado: em *Notícias Literárias de Portugal* (um manuscrito que Joel Serrão encontrou no Brasil, escrito em francês em 1780, não assinado mas registado em nome de J. A. da Cunha) escreve: «[...] verá o verdadeiro cidadão que apenas a lamento [a Pátria] e reconhecera, talvez com algum espanto, que a amo. Com algum espanto porque julgava — confessá-lo-ei — apenas não a odiar. Pobre de mim!»

Nos seus últimos momentos, quando um amigo lhe perguntava «Sofreis muito?», respondeu: «je craîndrais de ne pas mépriser assez la vie. - Some dreams of humanity qui me déchirent plutôt qu'ils me consolent...»

Alexandre Herculano, reconhecendo quanto injusta lhe foi a pátria, escreve em *Antologia do Pensamento Político Português* obra dirigida por Joel Serrão: «Foram vítimas e testemunhas desse sistema do baixo-império, desse governo de cunucos imorais, de salteadores legítimos [...], José Anastácio da Cunha [...] e tantos outros homens que a glória vingou dos velhacos corruptos, que reduziram esta nação livre, forte e respeitada há quatrocentos anos a ser, como era já na segunda década deste século, a fábula e o escárnio das gentes».

Não há qualquer imagem da sua figura, mas numa carta de Simon Fraser (major da praça de Valença) encontramos este retrato de José Anastácio da Cunha:

«Não posso deixar Valença sem falar de um dos génios mais extraordinários que jamais se ouviu. É um moço de quase vinte e quatro anos, português e tenente de artilharia naquela praça. É de uma família pobre e sem alguma colocação; veio a ser, por força do seu engenho e

Tem-se aplicado à ciência particular que se requer na sua profissão, que inclui engenharia, artilharia e outras muitas cousas pouco necessárias em matemáticas puras. Mas, o que é ainda mais extraordinário, este moço acrescentara a esta aplicação (que absorve a atenção de todos os que a estudaram) um perfeito conhecimento da história, das línguas e das belas-letas. É excelente poeta e bom crítico nas línguas mortas; sabe muito bem a italiana, francesa, espanhola e inglesa; e o coronel Ferrier, que possui perfeitamente estas línguas e pode ser juiz competente, afirma que este moço escreve a sua própria língua com mais pureza que muitos, e talvez que qualquer dos autores mais célebres deste país. Tem traduzido em elegante português, não só algumas das melhores obras de Pope, mas também algumas das nossas mais famosas comédias. Também traduziu no mesmo idioma algumas peças do célebre poeta grego Anacreonte, por onde diz o coronel Ferrier, bom conhecedor do grego, que lhe parece que as

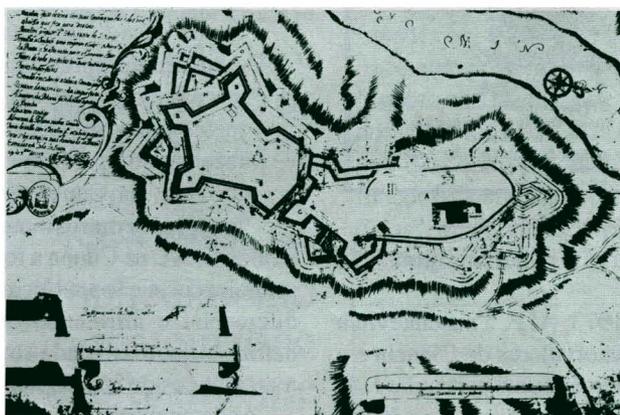
desconhecer tão pouco os termos da civilidade, quanto é versado em todo o género de ciência e literatura. Com seus amigos, várias vezes recita algumas das melhores obras dos nossos poetas ingleses, particularmente Shakespeare e faz nele tal efeito a sua recitação que parece arrebatá-lo; e nessas ocasiões uma só gota de vinho do Porto o faz inebriar. Este homem extraordinário parece a qualquer um desconhecido um simples. Ri-se muito, e em todo o seu proceder não se descobre nenhuma daquelas excelências de que é ricamente adornado.»

A obra científica

Alguma obra científica de J. A. da Cunha foi publicada após a sua morte por seus discípulos e fora do país (foi o caso de *Ensaio sobre os Princípios da Mecânica* em 1807, em Londres, por D. Domingos António de Sousa Coutinho e *Princípios Matemáticos*, em 1811, em Bordéus em tradução francesa devida a João Manuel de Abreu). Outra, como é o caso de uma compilação de cerca de 20 títulos, já preparada para publicação, ainda aguarda a sua vez (o seu organizador, João Manuel de Abreu, faleceu antes de a dar à estampa); há ainda outras de cuja existência se sabe - por correspondência trocada - mas cujo paradeiro se desconhece.

A obra *Princípios Matemáticos*, já anteriormente referida quanto à sua elaboração e primeira finalidade, está organizada em 21 capítulos (intitulados livros como era uso na época), e aborda os seguintes temas: Geometria de Euclides, Aritmética, Álgebra, Geometria Analítica, Trigonometria, Cálculo Diferencial, Cálculo Integral e Problemas de Máximos e Mínimos; está ilustrada com esquemas elucidativos das teses defendidas em doze desses capítulos, organizados em apêndice.

Em *Panegíricos e Conferências* (publicado em 1925), no capítulo



Planta da Praça de Valença

grande aplicação, um prodígio deste século. É tão grande matemático que o coronel Ferrier, profundo nesta ciência, me diz que este moço o excede em muito. Ele é senhor de todas as obras de Sir Isaac Newton, ainda naquelas partes mais escuras, que os mesmos matemáticos julgavam difíceis; conseqüentemente, é um algebrista completo e um astrónomo.

graças destas peças não só se conservaram, mas se aperfeiçoaram na sua tradução.

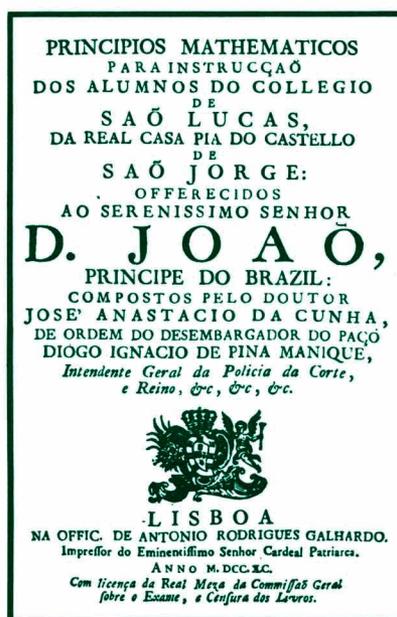
Parece que não emprega o seu tempo em estudar e, pela sua timidez, não conversa, ainda nas matérias mais indiferentes, senão com os mais íntimos amigos. É tosco (desalinhado) na sua pessoa e familiaridades, e parece

intitulado *Elogio Histórico ao Doutor José Anastácio da Cunha*, Gomes Teixeira, numa apreciação geral à obra, salienta: «o nosso geômetra misturou as doutrinas de que trata, sem atender à sua divisão em ramos, dando à exposição um aspecto de desordem, mas na qual as proposições estão logicamente encadeadas, de modo que cada uma tem anteriormente aquelas de que depende.». E acrescenta: «Nesta desordem aparente há um certo encanto, pela variação dos assuntos e meios de os tratar. Ao examinar esta disposição das doutrinas, temos a impressão de que o autor propôs a si mesmo o problema de expor as matérias de um curso regular de Matemáticas puras logicamente e no mínimo espaço, evitando repetições e tratando cada doutrina, quer seja elementar, quer não, no lugar em que dispunha de meios para mais rapidamente a estudar.». E mais adiante, depois de fazer uma análise ao modo como algumas das doutrinas são expostas aponta J. A. da Cunha como um «lógico distinto» e mais à frente: «foi ali [ao Mundo dos números] procurar os caminhos mais curtos e seguros para explorar as riquezas científicas que géometras eminentes tinham anteriormente descoberto.».

No *Curso de Álgebra Superior* de Vicente Gonçalves, pode ler-se: «Foi José Anastácio da Cunha quem primeiro (1790) formulou em termos rigorosos a definição de série convergente, definição mais tarde (1821) redescoberta por Cauchy. Em seus *Princípios Matemáticos*, Cunha desenvolve impecavelmente alguns pontos da doutrina». Anteriormente, em 1940, aquando do Congresso do Mundo Português, ao fazer a análise a um dos livros de *Princípios Matemáticos* - o livro VIII (sic) - Vicente Gonçalves afirmava: «...diremos sem hesitar que este Livro VIII dos *Princípios Mathematicos* é, por todos os títulos,

trabalho de grande mérito, profundo e originalíssimo de concepção, limpo e sóbrio na execução; algumas disposições de cálculo mostram verdadeira finura de engenho e largo senhorio da arte. Nêle se estabelecem as bases da teoria das séries, fundamento essencial da análise moderna, e se expõem os princípios do cálculo exponencial, pela primeira vez organizados com unidade e clareza.

Criador nas séries, reformador nas potências, em umas e outras levou Cunha



Princípios Matemáticos

boa dianteira às maiores figuras do tempo.».

Mas, em 1973, A. P. Youschkevitch lembra aos historiadores da Ciência em geral e da Matemática em particular J. A. da Cunha ao publicar um artigo em *Revue d'Histoire des Sciences* intitulado *J. A. da Cunha e os fundamentos da análise infinitesimal*. O autor, começando por afirmar «Le nom de da Cunha, mathématicien portugais du XVIII^e siècle, n'était pas très connu de son temps, et maintenant il est presque oublié.», cita, a seguir, algumas das obras onde procurou e não encontrou qualquer referência a J. A. da Cunha (*Dictionary of scientific*

biography e Histoire générale des sciences); considera que «a actividade pedagógica e científica de J. A. da Cunha exerceu uma influência considerável no desenvolvimento das matemáticas em Portugal» e acrescenta duas opiniões sobre os *Princípios Matemáticos*, obra considerada a mais importante por todos os que se têm debruçado sobre ela - uma da autoria de Cajori e a outra de Timtchénko. O primeiro, depois de se referir à vida do matemático português considera a obra *Princípios Matemáticos* concisa e com demonstrações rigorosas, contendo ideias novas e frescas nas suas explicações; o segundo, considerando-a uma obra notável, afirmando mesmo «que representa o primeiro ensaio de uma exposição estritamente formal da matemática no seu conjunto», sublinha a definição formal e rigorosa de diferencial dada por J. A. da Cunha. No mesmo artigo, Youschkevitch faz o estudo da concepção das séries infinitas, da teoria da função exponencial e dos elementos de cálculo infinitesimal que J. A. da Cunha apresenta na sua obra.

Ao longo deste estudo, o matemático soviético vai estabelecendo comparação entre a teoria de J. A. da Cunha e a que é defendida por outros matemáticos, atribuindo a J. A. da Cunha a formulação da primeira definição analítica e rigorosa de diferencial e afirmando que é essa a definição que é retomada e utilizada pelos matemáticos do século XIX.

Após analisar uma das proposições contidas no livro XV, identifica-a com o teorema fundamental do cálculo integral donde se tira a fórmula dos acréscimos finitos de Lagrange; mas acrescenta de imediato não haver provas de que este conhecesse a obra do matemático português; para Youschkevitch nem a versão original nem a sua tradução francesa tivera, naquela época, outro comentário senão o que Playfair,

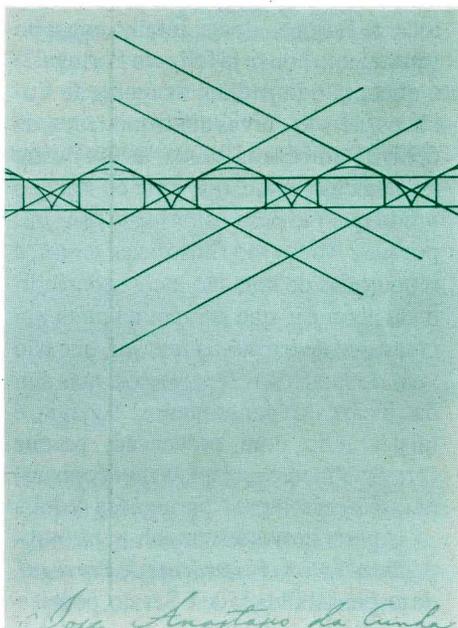
matemático e físico escocês tinha emitido na revista *Edinburgh Review* (e que começa dizendo que é a primeira obra científica portuguesa que recebem e que não traria descrédito para qualquer país pelos seus conhecimentos filosóficos). Afirma ainda que se poderá dizer que a obra partilhou o mesmo destino trágico do autor, pois não exerceram a influência que mereciam no progresso do pensamento matemático.

Cinco anos depois, em novo artigo desta vez intitulado *C. F. Gauss et J. A. da Cunha*, Youschkevitch vem rectificar algumas das afirmações feitas; de facto, além dos discípulos que fora de Portugal publicaram e defenderam os trabalhos de Anastácio, uma revista, na altura muito em voga (*Göttingische gelehrte Anzeigen*), publicava em 1811 uma apreciação muito detalhada mas anónima dos *Princípios Matemáticos*, que valoriza «les traits caractéristiques de l'ouvrage de da Cunha : l'unité de son plan et de son style, la rigueur constamment observée de la méthode démonstrative, enfin un style très condensé qui a permis à l'auteur de ne laisser échapper aucun sujet, tant soit peu important, des mathématiques pures élémentaires et supérieures dans un livre comprenant moins de 300 pages». E é do mesmo ano, embora só tornada pública setenta anos mais tarde, uma carta escrita por Gauss na qual este matemático se refere a ideias novas de Anastácio da Cunha, nomeadamente à definição de exponencial e de logaritmo e a uma certa notoriedade atingida pela obra em questão, na Alemanha no início do século XIX.

Jaime Carvalho e Silva e António Leal Duarte, do Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra, defendem a primazia de Anastácio da Cunha ao comparar definições e noções que aparecem em *Princípios Matemáticos* com as que são atribuídas

a outros autores, ou realçam o esclarecimento por ele prestado à definição dada, nomeadamente: as noções de “infinito matemático”, de série binomial, de infinitésimo e de integral impróprio, as definições do produto de dois números negativos, de série convergente, de exponencial e logaritmo, de diferencial e ainda as aplicações geométricas do Cálculo Diferencial.

Perante estas caracterizações, é lícito perguntar: como cai tal homem e tal obra



Traçado de tangentes a arcos, livro XVII em tão grande esquecimento, quando outros por bem menos são elevados à fama e à glória? Em Portugal, com toda a contiguidade que rodeou o matemático, seria difícil que ele fosse seguido ou a obra acarinhada: as peripécias de que a sua vida se viu recheada bastariam para que autor e obra fossem banidos. Mas, se é verdade existir uma unanimidade de opiniões favoráveis quanto ao conteúdo de *Princípios Matemáticos*, há outros pontos de vista segundo os quais se pode avaliar um trabalho. Assim, alguns consideram a obra demasiado lacónica, outros acham-na condensada em demasia e há até quem a considere pouco peda-

gógica. Por fim, uma apreciação que se tem de levar em linha de conta, aponta obra e autor como demasiado avançados para a época; é de acrescentar ainda o facto de a tradução publicada no estrangeiro não ter sido a mais adequada.

No ano de 1987, em Portugal, são feitas comemorações nacionais do bicentenário da morte de José Anastácio da Cunha, com sessões de homenagem e colóquios em Lisboa, Coimbra e Évora. Durante um dos colóquios realizados, duas novidades aconteceram: o relato de como uma cópia da obra *Princípios Matemáticos* foi enviada para a União Soviética em pleno exercício do Estado Novo e a apresentação do manuscrito *Ensaio sobre as Minas*, uma das obras até agora considerada perdida, descoberta pela Dr.^a Fernanda Estrada docente da Universidade do Minho (este manuscrito de difícil leitura pela caligrafia e pela ortografia, está a ser preparado para publicação). O Departamento de Matemática da Universidade de Coimbra associou-se às homenagens: docentes desta Universidade fizeram diversas comunicações chamando a atenção para a vida e, sobretudo, a obra matemática de J. A. da Cunha, dando o relevo que tal obra merece no contexto histórico das teses por ele demons-

tradas (hoje são usadas como descobertas no século XIX e atribuídas a outros matemáticos não sendo mais que as que Anastácio defendeu quase um século antes); mas, desta vez, o Departamento de Matemática, sucessor da estrutura “Faculdade de Matemática” que abrigou J. A. da Cunha e lhe torpedeou o alcance do lugar de honra que a sua sapiência merecia, procedeu à edição fac-símile da obra *Princípios Matemáticos* e preparase para publicar uma outra obra igualmente importante: *Princípios da Mecânica*.

Uma das actividades integrada nestas comemorações consistiu numa ex-

posição sobre a vida e a obra de J. A. da Cunha, cujo catálogo exibia na capa precisamente uma construção da autoria de Anastácio da Cunha e referente ao traçado de tangentes a uma curva.

A obra literária

A obra poética de J. A. da Cunha viria também a ser publicada postumamente.

Em 1839, Inocêncio Francisco da Silva publica em Lisboa *Composições Poéticas do Dr. José Anastácio da Cunha*; o livro foi altamente criticado pelo título, (considerado abusivo o atributo de doutor a J. A. da Cunha) e, além disso, foi considerado abuso de liberdade de imprensa em matéria religiosa, pelo que o responsável pela publicação foi processado e os exemplares à venda apreendidos.

Hernani Cidade, quase um século depois, alargou a publicação de Inocêncio: compilou mais algumas das poesias dispersas dando, assim, ao prelo *Obra Poética do Dr. José Anastácio da Cunha*; provavelmente, ainda não será o conjunto de todas as que escreveu, pois crê-se que muitas se terão perdido. Hernani Cidade, que considera Anastácio da Cunha «... uma das mais ricas personalidades do Portugal de setecentos» diz sobre a sua poesia: «O que antes de tudo nos surpreende na poesia de José Anastácio, é precisamente o facto, raro na época, de ser uma poesia tãda cheia de realidade moral. As ansiedades da sua inteligência, tanto como os abalos da sua emotividade, fugidamente as primeiras, mais vincadamente os segundos, deixaram vestígios nos versos que de umas e de outras jorraram em borbotões».

Jacinto Prado Coelho (1961) estabelece a diferença entre a poesia anterior à de Anastácio e a deste: «Antes de José Anastácio a lírica portuguesa mantivera quase sempre uma casta reserva em relação ao amor carnal... Para José Anastácio o verdadeiro amor é algo de religioso, divino, tão puro, tão elevado,

que não precisa de sanções rituais ou legais. Aflora aqui o naturalismo deísta do século XVIII, a Natureza é boa, as almas bem formadas caminham espontaneamente para o Bem, a ideia de pecado original está completamente posta de lado».

Também Almeida Garrett se debruçou sobre os poemas anastacianos, escrevendo em *Bosquejo da história da poesia portuguesa*, em 1826: «De José Anastácio da Cunha, que das matemáticas puras deu o melhor curso, que há em toda a Europa, desse infeliz engenheiro (que talento houve já feliz em Portugal?) a quem não impediam as rectas de Euclides, nem as curvas de Arquimedes, de cultivar também as musas; de tão ilustre e conhecido nome, que direi eu senão o muito que me pesa da raridade das suas poesias? Todas são filosóficas, ternas, e repousadas de uma tão meiga sensibilidade algumas, que deixam na alma um eco de harmonia interior, que não vem do metro dos seus versos, mas sim das ideias, dos pensamentos. Todavia, é mister lê-lo com prevenção, porque (provavelmente estropeado por copistas) a frase nem sempre é portuguesa de lei.»

Apesar destes testemunhos, na introdução a *Notícias Literárias de Portugal*, da responsabilidade de J. Serrão, pode ler-se: «Afigura-se legítimo supor que foi de pequeníssimo relevo o papel ou os papéis que os fados lhe permitiram representar na cena nacional coctânea». À frente aponta a base da sua suposição: trinta e cinco anos depois ainda havia à venda exemplares de *Obra Poética do Dr. J. Anastácio da Cunha*. E acrescenta: «torna-se patente como o poeta J. A. da Cunha não logrou chegar ao público, nem no seu tempo nem depois, e tem servido apenas de pasto complacente a alguns eruditos e especialistas.»

Apêndice

Numa das escolas de Valença do Minho, aquando de uma visita à locali-

dade integrada no programa social do Profmat/89, foi prestada uma singela homenagem a J. A. da Cunha, com a presença do sr. Presidente da Câmara local; numa posterior e informal troca de impressões, o autarca presente mostrou interesse em conhecer mais pormenores sobre a vida e a obra do laureado e a maior disponibilidade em perpetuar a memória deste grande homem dando, por exemplo, o seu nome a uma das novas ruas de Valença do Minho.

Quando percorríamos as muralhas da antiga Praça de Valença do Minho, um transeunte anónimo falou a umas colegas no matemático e militar que por ali tinha andado e até tinha o nome numa sala: e, para que elas pudessem constatar a veracidade das suas palavras, levou-as a um edifício onde funciona um departamento público (que não sei especificar qual é). É de prever que a iniciativa de celebrar uma vez mais a presença de José Anastácio da Cunha em Valença do Minho vá ter o apoio local!

Recolha feita a partir de documentos variados, nomeadamente:

- *Princípios Matemáticos* (edição fac-simile - U. Coimbra)
- *Panegíricos e conferências* (Gomes Teixeira - Coimbra-1925)
- *História das Matemáticas em Portugal* (Gomes Teixeira-Lisboa-1934)
- *Memória Histórica da Faculdade de Matemática nos cem annos decorridos* (F. Castro Freire-1872)
- *Notícias Literárias de Portugal-1780*, de J. A. da Cunha (publicado por Joel Serrão-Seara Nova, 1971)
- *Catálogo da Exposição de Homenagem a J.A.da Cunha* (Biblioteca Nacional- 1987)
- *História* (nº 100 e seguintes) • *Colóquio Ciências* (nº 1- Lisboa 1988)
- *Revue d'Histoire des Sciences - Volumes nº26* (1973) e 31 (1978)

Maria José Costa
E.S. de Augusto Gomes
Matosinhos